Quando os Medos Ardem

Domingos Lobo

GARRIDO editores

DOMINGOS LOBO

QUANDO OS MEDOS ARDEM

FICHA TÉCNICA

Título original: *Quando os Medos Ardem*

Autor: *Domingos Lobo*

1ª Edição: *2001*

Ilustração da Capa: *Foto "Gato, da Peça"*

"Pensa Enquanto Tens Cabeça"

Depósito legal n.º *165086/01*

ISBN: *972-8471-39-4*

Composição e paginação:

Garrido artes gráficas

impressão e acabamento:

Garrido artes gráficas

Tel.: 243 559 280 – 2090 ALPIARÇA

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Distribuição:

SODILIVROS, Lda

Rua de Campolide, 183-B – 1070-029 LISBOA

Telefones: 213 878 902 / 3 - Fax: 213 876 281

Quando os Medos Ardem

Peça baseada no Romance "Pés Nus na Água Fria"

QUANDO OS MEDOS ARDEM

Personagens – Antunes do Ó
– Isabel
– Lata-de-Óleo
– Informador
– Ricardo
– Tiago, o Padre
– Teodomiro
– Rapaz
– Taberneira
– Sargento

Cenário – *Palco amplo dividido em vários planos. Ciclorama ao fundo.*

Alguns adereços: Uma cadeira de baloiço, uma camilha, um banco de cozinha, uma chaleira, móveis, na metade E. do palco. Na D., uma cama estreita, um banco de cozinha, mesas de café, manequins decepados, restos de bonecas espalhadod pelo chão, jornais, telefonias, televisões, telefones, uma foto de Salazar fazendo o saudação fascista. Garrafas vazias.

Projectores. O cenário deve evitar uma carga naturalista excessiva. O ideal seria estabelecer pontes entre um naturalismo sórdido e traços surreais.

O som deve conter referentes naturalistas: chuva, apitos de combóio, trovoada, vento, ladrar de cães, etc.

Isabel é uma mulher de 40/45 anos, ainda com traços de beleza.

Antunes do Ó, o Inspector, é um operacional quarentão.

Ricardo terá cerca de 25 anos.

CENA 1

É Inverno. Chuva, vento, relâmpagos. A telefonia debita um fado antigo de Maria Teresa de Noronha. Isabel está sentada na cadeira de baloiço. Faz malha. Fala para alguém que estará no interior da casa.

Isabel – Vou fazer chá. Certamente, nas suas andanças, perdeu o hábito ao chá. Ou nunca se habituou. Os homens são assim: não ligam às pequenas coisas da vida. Constroem tudo em grande e profundo. Sonhos etéreos, os dos homens. Dados a utopias, coisas fugazes. Meninos sempre. *Levanta-se, vai à chaleira. Prepara o chá.* Só os homens seriam capazes de sonhar mudar o mundo, assim, com revoluções, com mortes, com muito sangue e desgraça. Precisam do ódio para se afirmarem. De brincadeiras violentas. Nós não. Somos mais subtis, mais interiores. Fazemos as nossas revoluções secretas, lentas, quase imperceptíveis, mas muito mais duradouras e eficazes. No fundo, somos nós, as Penélopes, que comandamos o mundo enquanto vocês, na vertigem da afirmação viril, da heroicidade, se comprazem em genocídios, holocaustos, guerras e

mais guerras, até à desumanização total. Sempre quer o chá? Uns bolos de manteiga? Não?!

Olhe, destas coisas nos alimentamos. Das pequenas coisas, nas fases mais solitárias das nossas vidas. Não será por acaso que aqueles que decidiram viver em clausura – não é o seu caso, eu sei –, a lombeira virada para as coisas do mundo, as freiras e os frades, por exemplo, são os grandes peritos nas artes dos açúcares, tanto em melaços de farinha fina e ovos, como nos xaropes de bem puxado grau. À falta dos humanos doces ficam-nos os sucedâneos inventados para que os pesos da vida se aligeirem. Por isso é que me sabe bem este chazinho acompanhado a bolinhos de mel, receita de uma tia-avó que veio das berças à ceifa para este deserto e por cá se casou com um marialva de crista retorcida que só lhe deu desgostos e trabalhos.

A minha parenta vingava-se nos doces. De manhã à noite às voltas na cozinha: claras em castelo, ovos moles, arroz doce... Tinha fama o seu bolo de azeite com limão, coisa de requinte. Vendia para fora, para as senhorecas da vila. 500g de açúcar – já que não tem nada que fazer, vá tomando nota, nunca se sabe, depois disto passar, senão lhe fará falta –, 0,5 litro de azeite da melhor colheita, 8 ovos, 500g de farinha triga muito bem peneirada, 1 limão, fermento de padeiro. Levava o azeite ao lume, num tacho de ferro para resistir a tanta andança, cortava fina a casca de limão e deixava-a alourar na gordura, batia, em alguidar de barro vidrado, com a energia do seu corpo que parecia crescer a cada movimento das mãos, o açúcar com as gemas até se transformarem numa espuma borbulhante. Retirava do azeite a casca do

limão, misturava-lhe a farinha e o fermento, batia as claras em castelo firme, com a ajuda de um garfo de seis dentes e cabo longo, juntava tudo num alguidar maior, barrava a forma, semelhante a chaminé de monte alentejano, com manteiga e farinha, abria o grande forno a lenha, amainava a fornalha e deixava a massa no sossego das brasas durante meia hora. Assim, de tanto doce provar e consumir, engordou em desmesura tal que o estafermo do marido, um fraldiqueiro lingrinhas sem parecença de gente, um lambe-saias ranhoso, se queixava aos amigos, babando-se, de a não poder cobrir por não ter instrumento bastante – e bem aviado de porra se gabava – para chegar a tão rotundo poço.

O sacripanta amancebou-se com uma galdéria da pensão Avenida e foi-se a Espanha. Depois da partida do fuinha, do qual nunca mais se encontrou rastro, a minha tia passou de comer todos os doces que encontrava a jeito: doces de abóbora, marmeladas, arrepiados, trouxas de ovos, fatias paridas, tijeladas e, até, nacos inteiros de bolo de azeite já embrulhados e prontos a seguir para as freguesas. Comia e cantava num espanhol extremenho um trecho da zarzuela *El barberillo de lavapies*, até que o coração se cansou de tanto sebo, desgostos e calorias e a deixou sem pio mesmo no meio de um dó de peito mais caprichado. Caíu no chão da cozinha, sobre o alguidar das claras em castelo. Foram precisos seis homens graúdos para a lavar, vestir e meter no caixão. Foi o meu Teodomiro que lhe fez a última morada, andávamos nós já de namoro adiantado.

Então, sempre quer o chá?

CENA 2

Apagam-se as luzes do lado E da cena. Ilumina-se o lado do Inpector. Este levanta-se. Acende um cigarro. Tosse. Bebe. Tem aspecto cansado. Doente. Barulho de combóios. Chuva em telhado de zinco. O manequim vai sendo manipulado pelo inspector, vestindo conforme o personagem com o qual é suposto dialogar.

Inspector – Porra de país. Clima de merda que não dá para perceber: tão depressa o sol abrasa, como a geada cresta tudo. Não admira que andem tantos tarados à solta nestas paragens azedas. E logo eu, Antunes do Ó, subinspector da secreta, um talento deste tamanho, um faro para subversivo que nem perdigueiro para lebre, metido nestes assados: o cabrão de um lingrinhas, um comuna rafeiro a passar-me a perna e deixar-me tanso no meio desta encruzinhada de caminhos ferrosos e lama. Nem olho preguei nas poucas horas em que me recostei neste cubículo – uma mansarda de lorde, ó inspector, rosnou o dono desta espelunca a rinhar nos dentes podres uma lasca de bacalhau salgado – de lorde! Puta que o pariu!

Toda a noite o barulho dos combóios, o ronco de sucata desses ronceiros de trampa: combóios destes só em Marrocos, ou nas nossas áfricas – cala-te boca. Já lá dizia a anedota que à força de conhecermos tantos comunas ainda acabamos como eles. *(Falando para o Manequim):*

Digo-lhe mais, ó chefe, não tenho pistas, a mínima pista. Estou, ó chefe, oco por dentro: *(bate no peito)* não ouve o eco. Às tantas o tipo até saiu pela porta principal todo lampeiro. Isto aqui é do caraças, chefe, os ferroviários são todos do contra, veja só os modos como nos falam, entre dentes, as lamparinas no sobrado: *nã sê, nã vi, nã estava lá* – capados! Montaram-lhe a fuga bem montada foi o que foi, e nós caímos como anjinhos. O gajo pirou-se quando o comboio afrouxou e desapareceu por entre o canavial: – *(volta para a cama, acende um cigarro)*.

De fumar não deixo, nem que a boca vire corticite e os pulmões fuligem – prazer é isto: um canudo bem puxado com um palmo de uísque e um maço de *três-vintes*; os cigarros fumados uns a seguir aos outros para que se lhes não meça a conta nem o passar do tempo. Que a solidão de um homem precisa de certos vícios, rituais de olvido, representações da vida para que a loucura não nos tome: purga prós fantasmas que rondam a gente – sabe-se lá!

Há-de-me mandar o informador a ver se deslindo esta charada. – *(Começa a despir o manequim. Tosse).*

Ressabiado ando, aos tombos por aí e digno de melhor merecimento. Esquinas e quartos de pensão ranhosa é o que me toca, à caça, sem tugir nem mugir,

da malandragem de meio quartilho. Que os graúdos ficam para os do ar condicionado da António Maria Cardoso. Porteiro do governo é o que eu sou e pago ao preço das sopeiras.

Os chefões sempre vão dizendo, para acalmar as hostes, que o mando também conta, também entra no ordenado: um gajo nesta profissão manda ventarolas, põe o pagode em sentido e borradinho nas ceroulas. Pudera, isto é um povo de cagatacos, mijado por tudo e por nada, desde as inquisições, de calças na mão, a benzer-se e a pedir desculpa, sempre medricas, a levar na lombeira desde as bexigas e sempre conformado e a pedir bis prá sua senhora da boa morte ou para outro santo igualmente vigarista e sádico, *(bate, com a mão direita, na cara)* cala-te, Antunes!

Isto de eu ser secreta não é coisa nova cá no burgo, está-nos no sangue como a sífilis: o Pina Manique que o diga, ou o D. João V, malandrim de hóstias e benzeduras mas um secreta do piorio: hereje que se assumasse ao varandim era logo posto no assador. Um safado este sacristão, sabia-a toda. depois das traquinices fazia festa rija para o povoléu tirar o exemplo e andar na linhaça e entretanto erguia conventos para paga de serviços de carrascos e adjacências e protecção da alma, não fosse o diabo tecê-las. Não me venham dizer a mim, Antunes do Ó, que de ingénuo só tenho o cu e já cá gasto gáspeas há uma catrefa de sóis, que o apinocado do D. João V não gostava da rebaldaria, que aquilo da caça aos cristãos novos, à bruxaria e a quem mostrasse ter dois dedos de testa a mais do que o conveniente,